

“IL FAUT FINIR POUR COMMENCER”: A GUERRA DO PARAGUAI EM TRÊS TEMPOS

DOI:10.47677/gluks.v24i3.499

Recebido: 02/09/2024

Aprovado: 04/11/2024

SANDANELLO, Franco Baptista¹

RESUMO: Transpor o passado para um texto ficcional não é tarefa fácil: há um hiato natural entre viver e narrar. As palavras olham invariavelmente para trás, alheias e ulteriores aos fatos que reportam. Toda narrativa de memórias é, neste sentido, um (des)encontro consigo própria. Em se tratando das memórias de uma guerra, há ainda o peso da violência e do trauma sobre os narradores. O presente artigo propõe-se a estudar a significação narrativa de três textos escritos por sobreviventes da guerra do Paraguai: uma prisioneira política, submetida a trabalhos forçados em um campo de concentração (Duprat, *Memórias*); um oficial do Exército, testemunha da fracassada campanha do Norte (Taunay, *La retraite de Laguna*); e um oficial da Marinha, copartícipe dos sucessos da campanha do Sul (Jaceguai, *Reminiscências da Guerra do Paraguai*). Por meio dos critérios de “exatidão” e “fidelidade” autobiográfica (Lejeune, 1975), avaliados à luz de conceitos como os de “focalização” narrativa (Genette, 1972; Bal, 1997) e “testemunho” (Agamben, 2008; Dulong, 1998, Seligmann-Silva, 2008), pretende-se avaliar a dimensão “retrospectiva”, “presentificativa” ou “prospectiva” das memórias elencadas (Sandanello, 2014), segundo a significação que, em cada obra, reverberam os efeitos da guerra.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa de memórias, Guerra do Paraguai, Duprat, Taunay, Jaceguai.

O aspecto exterior dos objetos é um misterioso condutor, que se corresponde com as fibras da memória e as desperta, quiçá sem que nem percebamos. Uma vez estendido esse fio, como o de Ariadne, ele nos conduz por um labirinto de pensamentos, e nos perdemos seguindo essa sombra do passado que se chama recordação. (Dumas, 2017, p. 294-295)

¹ Doutor em Estudos Literários pela UNESP, com estágios pós-doutorais na Université Sorbonne Nouvelle e Université Lumière Lyon II. Professor da Academia da Força Aérea. Docente do PPG em Estudos de Literatura da UFSCar, e do PPG em Letras da UFMA. Membro do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa. francofbs@fab.mil.br

Nem sempre narrar é uma opção. Sobretudo, é mister ordenar os acontecimentos pela linguagem após uma experiência traumática, marcada pela intempestividade de um trauma coletivo – como o foi a guerra do Paraguai, o maior evento militar ocorrido na América do Sul, com um saldo subestimado de cerca de meio milhão de mortos. Para tanto, não bastam gêneros pragmáticos e pontuais como ofícios e cartas: a necessidade individual de narrar torna-se também a de (re)experienciar, de forma a tornar compreensível, para outrem e para si, algo que parece infenso à razão.

Em tais casos, a literatura de memórias torna-se indissolivelmente ligada à literatura de testemunho. A arte torna-se documento, e a história, uma versão nebulosa do que pode ter ocorrido, próxima à (maleabilidade da) ficção. Entre tais limites, constrói-se uma região de “intervalo”,² de entremeio, em que está grande parte da significação humana da guerra, à maneira de um fio de Ariadne, a desvelar o caminho pelos labirintos – muitas vezes estanques – do passado.

Três obras, escritas entre 1870 e 1900, abrangem aspectos distintos desse “intervalo”: *Memórias*, de Dorothee Duprat, vítima de trabalhos forçados em um campo de concentração paraguaio; *La retraite de Laguna*, de Alfredo Taunay, oficial do Exército, testemunha da fracassada campanha do Norte; e *Reminiscências da Guerra do Paraguai*, de Artur Jaceguai, oficial da Marinha, copartícipe dos árduos sucessos da campanha do Sul. Três obras, três autores, cuja diversidade abarca a dimensão plural de uma guerra que foi capaz de definir, de maneira incontornável, a geopolítica da América do Sul na segunda metade do século XIX.

Nos intervalos do passado

A literatura está indissolivelmente ligada à vida, o prolongamento necessário da experiência, seu resultado

² O termo “intervalo”, mistura de português e espanhol, foi criado no contexto da própria guerra do Paraguai. Como afirma o Gen. Azevedo Pimentel (1978, p. 16) em seus *Episódios militares*: “nos dicionários portugueses não existe ainda este vocábulo, que nasceu para nossa língua no tempo da Guerra do Paraguai. Vem do termo hispano-americano *entrevero*, que quer dizer – choque de duas forças de cavalaria. Tomando-o dos nossos aliados, afeiçoamo-lo à índole de nosso idioma. Aceito o termo e geralmente empregado no Exército, demos-lhe acepção mais lata e vigorosa. *Intervalo* significa nessa campanha a briga ou a luta promíscua de muitos indivíduos, a desordem no combate, a mistura de inimigos encarniçados e cegos pelo ódio, quer fossem de cavalaria, quer de infantaria. Chamava-se a isso luta *intervalada*. O Dr. Taunay empregou *entreverados*, servindo-se da expressão genuína espanhola, talvez sem se lembrar que o vocábulo já tinha foros de cidade entre nós, e estava ajeitado à *língua portuguesa*.”

evidente, seu complemento indispensável (Perec, 1992, p. 89).³

“A distinção entre testemunhar e contar uma história está na operação de factualização, na afirmação da referência a um acontecimento do mundo real, que passa pela atestação biográfica do narrador” (Dulong, 1998, p. 11-12).⁴ A capacidade testemunhal da literatura decorre, pois, do crivo da "atestação biográfica do narrador", que, munido de sua versão dos fatos, pode representar, em sua experiência individual, uma vivência coletiva, social, a que literalmente dá voz, ao resgatar do silêncio e do esquecimento instantes isolados de seu momento histórico.

“A memória é um ato de ‘visão’ do passado, mas, como ato, é situado no presente da memória. E é o mais das vezes um ato narrativo: elementos soltos passam a integrar a estória, para que possam ser lembrados e eventualmente contados.” (Bal, 1997, p. 147).⁵ A reordenação dos fatos em uma narrativa coesa faz cogitar questões de *exatidão* e *fidelidade* àquilo que ocorreu, nos limites entre a história e a ficção, passando por um exame atento da focalização narrativa empregada.⁶ Precisando-se a natureza do pacto entre obra e leitor – i.e.,

³ “*La littérature est indissolublement liée à la vie, le prolongement nécessaire de l’expérience, son aboutissement évident, son complément indispensable*” (tradução nossa).

⁴ “*La distinction entre témoigner et raconter une autre histoire [...] réside dans l’opération de factualisation, l’affirmation de la référence à un événement du monde réel, laquelle passe [...] par l’attestation biographique du narrateur*” (tradução nossa).

⁵ “*Memory is an act of ‘vision’ of the past, but, as an act, situated in the present of the memory. It is often a narrative act: loose elements come to cohere into a story, so that they can be remembered and eventually told*” (tradução nossa).

⁶ Convém lembrar o esclarecimento genetteano acerca do conceito de focalização (interna e externa, bem como suas infrações, via paralipse e paralepse): “*Par focalisation, j’entends donc bien une restriction de ‘champ’, c’est-à-dire en fait une sélection de l’information narrative par rapport à ce que la tradition nommait l’omniscience, terme qui, en fiction pure, est, littéralement, absurde (l’auteur n’a rien à ‘savoir’, puisqu’il invente tout) et qu’il voudrait bien remplacer par information complète – muni de quoi c’est le lecteur qui devient ‘omniscient’. L’instrument de cette (éventuelle) sélection est un foyer situé, c’est-à-dire une sorte de goulot d’information, qui n’en laisse passer que ce qu’autorise sa situation. En focalisation interne, le foyer coïncide avec un personnage, qui devient alors le ‘sujet’ fictif de toutes les perceptions y compris celles qui le concernent lui-même comme objet: le récit peut alors nous dire tout ce que ce personnage perçoit et tout ce qu’il pense (il ne le fait jamais, soit par rétention délibérée de telle ou telle information pertinente (paralipse), comme le moment et le souvenir du crime dans Roger Ackroyd); il ne doit en principe dire rien d’autre ; s’il le fait, c’est de nouveau une altération (paralepse), c’est-à-dire une infraction, délibérée ou non, au parti modal du moment, comme lorsque Marcel ‘perçoit’ – et non devine – les pensées de Mlle Vinteuil à Montjouvain. En focalisation externe, le foyer se trouve situé en un point de l’univers diégétique choisi par le narrateur, hors de tout personnage, excluant par là toute possibilité d’information sur les pensées de quiconque – d’où l’avantage pour le parti pris ‘behaviouriste’ de certains romanciers modernes.*” (Genette, 1983, p. 50-51) Trata-se, portanto, de uma questão de canal informativo, através do qual a narrativa dá a seu leitor (antes, seu narratário) o conteúdo de

em se tratando de um pacto autobiográfico no qual haja coincidência entre os nomes do autor e do protagonista, bem como congruência de itens de autenticação do discurso, como datas, eventos, personagens históricas etc. (Freitas, 1986) –, o processo de “semelhança” entre obra e vida, ou entre memória e história,

pode se situar em dois níveis: no modo negativo – e ao nível dos elementos da narrativa – intervém o critério de exatidão; no modo positivo – e ao nível da totalidade da narrativa – intervém o que nós chamaremos de fidelidade. A exatidão diz respeito à informação; a fidelidade à significação. (Lejeune, 1975, p. 37, grifos do autor).⁷

Ademais, é preciso entender *cum grano salis* a própria natureza da "narração em primeira pessoa, que pressupõe o fato de se impor como não ficção, isto é, como documento histórico", dada a contiguidade referencial do registro literário (Hamburger, 1986, p. 224), sensível sobretudo em memórias que digam respeito a eventos traumáticos, de impacto decisivo na vida coletiva de uma nação.

Em situações extremas, capazes de isolar da coletividade o indivíduo pela vivência do trauma,

a outridade do sobrevivente é vista como insuperável. A narrativa tem [...], dentre os motivos que a tornam elementar e absolutamente necessária, este desafio de estabelecer uma ponte com os outros, de conseguir resgatar o sobrevivente do sítio da outridade [...]. A narrativa seria a picareta que poderia ajudar a derrubar esse muro." (Seligmann, 2008, p. 66)

Neste sentido, no presente caso das memórias de sobreviventes de guerra, trata-se não só de uma forma de resgatar o passado, mas de superá-lo, por meio de sua reorganização narrativa. Entender, nestes parâmetros, os limites narrativos das memórias envolvidas – de Duprat, Taunay e Jaceguai, respectivamente – é algo substantivo. Afinal, como disse o próprio Francisco Solano López, principal responsável pela guerra que motivou todas as obras

seu universo ficcional (i.e., sua diegese). Pode haver mesclas e interferências entre os tipos de focalização conceituados por Genette, o que incidiria, por sua vez, em casos distintos de “polimodalidade” (Genette, 1983). *La retraite de Laguna*, ao fazer jogos entre a primeira e a terceira pessoa, a propósito de eventos de difícil confissão por Taunay, é um exemplo de obra memorialística que faz uso da polimodalidade.

⁷ “*peut se situer à deux niveaux: sur le mode négatif – et au niveau des éléments du récit -, intervient le critère de l’exactitude; sur le mode positif – et au niveau de la totalité du récit -, intervient ce que nous appellerons la fidélité. L’exactitude concerne l’information, la fidélité la signification*” (tradução nossa).

discutidas, em ocasião solene, reservada ao seu círculo mais íntimo: “*Il faut finir pour commencer*”.⁸

É preciso, assim, analisar a dimensão narratológica de cada texto memorialístico, a fim de identificar sua proximidade maior ou menor perante os fatos representados – i.e., se haveria uma dimensão “retrospectiva” de resgate do passado, ou se, eventualmente, algum argumento do narrador poder-se-ia sobrepor à justaposição dos eventos narrados, numa tentativa mais ou menos espúria de convencimento de seu leitor (Sandanello, 2014).⁹

Sob o prisma da bestialidade (o cotidiano de um campo de concentração)

Isolado no concerto das nações, e cioso da consolidação de sua independência proclamada em 1842, mas reconhecida pelos países vizinhos apenas uma década mais tarde, o Paraguai enviou à Europa, na década de 1850, Francisco Solano López, filho e sucessor do ditador Carlos López, em missão diplomática, a fim de estabelecer, para além de acordos comerciais, o projeto de uma colônia francesa no país. Partiram em resposta cerca de 400 franceses do porto de Bordeaux entre 1855 e 1856, rumo à colônia agrícola de *Nueba Burdeos*, sendo uma das famílias da primeira leva de imigrantes a família Duprat.

Seus esforços, porém, foram baldados. O terreno cedido pelo governo paraguaio era infértil, e não havia, embora prometidos, subsídios estatais para a instalação dos colonos.¹⁰

⁸ “Ainda depois de perdida a sua famosa Humaitá, e quando já lhe assaltavam suspeitas de revolta contra os seus mais submissos satélites, ele diz, em um círculo de homens mais importantes do país, entre os quais se achavam alguns estrangeiros, esta frase terrível: “*Il faut finir pour commencer*”. As proscricções de S. Fernando fizeram logo conhecer o que queria dizer – *é preciso acabar para recomeçar* –: eram as vidas de todos aqueles que não estivessem nas linhas de frente, de fuzis em punho, fazendo-se matar na defesa de sua causa.” (Jaceguai, 2011, p. 183)

⁹ Mais especificamente, em *O escorpião e o jaguar* (Sandanello, 2014), tese de doutorado realizada a propósito do memorialismo n’*O Ateneu*, de Raul Pompeia, propus uma tipologia tripartite para o estudo da narrativa de memórias, dividida em (1) “retrospectiva”, (2) “presentificativa” e (3) “prospectiva”, conforme o interesse maior de seu narrador seja (1) reproduzir fielmente os eventos passados, reconhecendo seus limites cognitivos; (2) redescobrir um sentido novo, no presente da enunciação, possibilitado pelo ato de rememorar; ou (3) fazer com que o leitor concorde a todo custo com sua versão recortada, quiçá concertada, do passado. Tal tipologia, originalmente pensada para o memorialismo oitocentista, foi aplicada desde 2014 por pesquisadores de obras dos séculos XIX e XX (em trabalhos acadêmicos sobre Luciano Egido, Bernardo Carvalho, Zélia Gattai, Graciliano Ramos et al.). Busca-se aqui voltar à conceituação original, e ver até que ponto tais obras ratificam (ou retificam) os três conceitos mencionados.

¹⁰ Inversamente, em situação de penúria, os colonos foram obrigados a ressarcir ao governo paraguaio os valores da viagem, em amortizações gradativas, que impunham condições de trabalho análogas à escravidão.

Aos 14 anos, sob tais condições, casou-se Dorothée Duprat com o comerciante Narcise Lasserre, em 1859, passando a viver com o marido. Após uma série de infortúnios financeiros, Narcise declarou falência, afetando diversos credores – dentre eles uma sócia oculta, que viria a ser ninguém menos que Elisa Lynch, consorte de Solano López.¹¹

Os Duprat de Lasserre passaram a ser perseguidos juridicamente. Narcise e seu irmão Félix foram presos de 1860 a 1863, e, embora quitassem sua dívida, foram dos primeiros estrangeiros declarados traidores do governo paraguaio. Cyprien e Aristide Duprat, pai e irmão de Dorothée, bem como seu marido Narcise, foram condenados à prisão na terrível colônia penal de São Fernando, e lá, executados sumariamente.¹²

Por sua vez, Dorothée Duprat, além de desconhecer o paradeiro de seu pai, irmão e marido, sob a tutela enganosa do cônsul francês em Assunción, verdadeiro títere do ditador, foi considerada traidora, sem motivo aparente, sob a chancela da onipotente Elisa Lynch. A partir daí, um verdadeiro calvário foi imposto à jovem que, do sonho desencantado de uma colônia possível (*Nueva Burdeos*), foi obrigada a trabalhos forçados em outra colônia – *Espadim* –, verdadeiro campo de concentração onde as mulheres (“*destinadas*”) eram executadas a golpes de lança.¹³

¹¹ Elisa Lynch teve um importante papel na crescente megalomania do ditador, e soube tirar proveito desta influência: em poucos anos, tornou-se proprietária de 29 imóveis, além de milhares de quilômetros de terras. Curiosamente, um desses imóveis é adentrado por Taunay (2008, p. 59) após a batalha de Peribeubú, como relata nas “Reminiscências da campanha da Cordilheira”: “Não poucos soldados, quando penetrei na morada da Lynch, passaram perto de mim, levando em panos e mantas grande porção de prata, quanto podiam carregar. [...] Tratava-se em regra a imperiosa e inteligente mulher que teve tão vasta e tão pernicioso influência sobre o espírito de Solano López e tanto concorreu para a desgraça, as loucuras e horrorosos desmandos de seu amante e para as calamidades do valente e mal-aventurado povo paraguaio.” Taunay, na ocasião, festejou a vitória no piano de Lynch, provou seus vinhos e saqueou de sua biblioteca um luxuoso exemplar de *D. Quixote*.

¹² A este respeito, comenta Francisco Doratioto (2023, p. 124-125): “Os tribunais de San Fernando ficaram conhecidos como ‘tribunais de sangue’, devido à violência com que atuaram e ao fatídico destino de quase todos os acusados, os quais, antes dos julgamentos, eram chicoteados, agredidos a pauladas, tinham os dedos esmagados por marteladas ou eram submetidos ao terrível ‘cepo de Uruguaiana’. Neste, os torturados ficavam de joelhos, com fuzis – eles eram grandes e pesados – atrás deles e também sobre os ombros e encostados na nuca. Os fuzis eram amarrados um ao outro por cordas de couro molhadas, que apertavam o corpo da vítima conforme secavam, tendo como resultado a morte ou a quebra da coluna vertebral. Alguns acusados foram fuzilados, mas a maior parte foi assassinada com estocadas de lança ou golpes de baioneta, havendo ainda degolados e decapitados. Eram dezenas de execuções diárias, feitas por pré-adolescentes de doze a catorze anos de idade. Quando o Exército brasileiro chegou a San Fernando, encontrou centenas de cadáveres em valas comuns abertas onde haviam afixado cartazes com a inscrição ‘Traidores da Pátria’”.

¹³ Como de praxe na conjuntura da guerra do Paraguai, segundo o testemunho de José Rodrigues da Silva (2007, p. 81): “De Capivari em diante, começamos a encontrar pelo caminho gente de López, degolada ou lanceada por sua ordem severa, visto que não podiam acompanhar na desastrosa fuga a Panadeiro, na direção do norte. O

devíamos trabalhar a terra para ganhar nosso sustento, que aquela que se negasse a fazer pessoalmente esse trabalho naturalmente queria morrer, sendo assim lanceada para que terminasse de uma vez. [...] chegamos a nosso destino molhadas, ensopadas. Lá nos chamaram e nos mandaram partir sem demora. Qual não foi nosso desalento vendo-nos enxotadas no meio da montanha como animais sem recursos e com ordens tão bárbaras, sem termos onde sentar sequer para descansar. [...] Minhas sensações são indescritíveis e também receio abandonar-me a essas tristes memórias, sinto pouca coragem, mais tarde darei quiçá uma pequena ideia de nosso padecimento moral. (Lasserre, 2023, p. 59)

Motivada por um pedido do Cel. Pinheiro Guimarães, a quem dedicou sua obra, Duprat (2023, p. 72-73) registrou “esta triste recordação” imediatamente após ser libertada pelo conde d’Eu e seu Estado-maior “com o interesse e as marcas da mais sensível compaixão”.

Trata-se do único relato de autoria feminina de uma sobrevivente da guerra do Paraguai – o que, por si só, já bastaria para louvar seu reaparecimento há poucos meses, depois de um longo intervalo desde sua prévia edição (*Guerra do Paraguay: memórias de Mme. Dorothea Duprat de Lasserre*, de 1893, trad. do espanhol por J.A. Montenegro).¹⁴ Não obstante, sua composição adquire a dimensão do conflito interior de alguém que, pouco tempo antes, era obrigada a escrever não para si, mas a pedido de companheiros de infortúnio: “todos faziam declarações de amizade a López, em todo sentido pedindo perdão, pedindo para seguir o exército; enfim, mil baixezas sem obrigação, assim como acostumam a gente do país.” (Lasserre, 2023, p. 58)

Calígula terrível não deixava à retaguarda ninguém com vida; tinha por escopo o extermínio total do povo. Em geral eram mulheres, velhos, crianças os sacrificados selvagememente, cruelmente.”

¹⁴ A este respeito, lamenta Azevedo Pimentel, voluntário da pátria e general honorário do Exército, o não lugar das mulheres na história da guerra do Paraguai. Dentre tantas, destaca uma soldada do 29º Corpo de Voluntários da Pátria, de nome Florisbela, que “todo o 2º Corpo de Exército, às ordens do Conde de Porto Alegre, viu-a, admirou-a, invejou-a. A Pátria esqueceu-a” (Pimentel, 1978, p. 19); e Ana Neri, que, “se tivesse tido a ventura de nascer na França ou na Alemanha, talvez figurasse em estátua na melhor praça de suas grandes cidades; mas no Brasil, nem de leve se tomou em consideração o ato de seu espontâneo e magnífico desprendimento e bravura.” (Pimentel, 1978, p. 20) É o mesmo parecer de Miguel Ángel de Marco, que, de maneira mais ampla, registra sobre a participação das mulheres na guerra que “seus maridos ou amigos muitas vezes as tratam mal e elas morrerão no esquecimento” (apud Doratioto, 2023, p. 105). Neste sentido, visitar as memórias de Dorothee Duprat equivale também a lançar luz sobre tantos outros nomes, como os de Francisca da Conceição, Jovita Alves Feitosa et al.

Sua escrita vale, assim, como uma *tripla catarse*: (1) *pessoal*, ao finalmente passar a escrever por si, reconquistando o controle de sua palavra; (2) *coletiva*, ao evidenciar os sofrimentos vividos pelas *destinadas*; e (3) *historiográfica*, ao possibilitar, com o resgate de sua obra, uma revisão de parte da guerra do Paraguai:

No 25 de dezembro as senhoras destinadas a morrer de fome por ordem de López foram libertadas pelo Exército brasileiro. Eu sou uma delas; vivo e escrevo, mas ainda não cabe em minha mente que tenho o poder de falar livremente de tantos sofrimentos, de tantas crueldades que temos sido obrigados a receber, como tantos benefícios da mão de um pai que nos escondia em remotos lugares para nos livrar do fero inimigo. [...] Escreverei esta incrível verdade, esta história palpitante de horrores cometidos sob a capa de uma bondade que cheira a fel, que faz estremecer, porque falando se sente o frio da ponta da lança que abriu os corações de tantas apreciáveis companheiras de trabalho. (Lasserre, 2023, p. 14)

Embora escritas no calor do momento, as memórias de Duprat não podem ser vistas como uma narrativa “retrospectiva” *tout court*. Um exemplo cabal está na imprecisão terminológica que faz da colônia penal de San Fernando, que ora confunde com Passo Pucu.¹⁵ É preciso observar, porém, que “nesse caso o testemunho vale essencialmente por aquilo que nele falta; [pois] contém, no seu centro, algo intestemunhável, que destitui a autoridade dos sobreviventes” (Agamben, 2008, p. 43).

A realidade de um campo de concentração implica um grau de desumanização e trauma pessoal que se impõe a qualquer relato, fazendo pensar que “as ‘verdadeiras’ testemunhas, as ‘testemunhas integrais’, [seriam] as que não testemunharam, nem teriam podido fazê-lo.” (Agamben, 2008, p. 43) O que corresponde a dizer, paralelamente, que, à dificuldade de precisão do relato (*exatidão*), soma-se a dificuldade de transpor sua reverberação interior (*fidelidade*) para a narrativa (Lejeune, 1975).

Eis a razão (demanda) suplementar de entender a dimensão “retrospectiva” de Duprat, comparativamente, à luz dos relatos de sobreviventes que conheceram as dimensões abertas do conflito, seja sob o prisma da derrota (Taunay), seja sob o prisma da vitória (Jaceguai).

¹⁵ “Vale notar que isso ele me dizia desde que o senhor presidente passara a habitar a cidade de Villeta; depois fiquei sabendo que, antes de sua fuga de Passo Pucu, o verdugo dera cabo de todos os prisioneiros. Não sei se o cônsul estava enganado, o certo é que ele me enganava.” (Lasserre, 2023, p. 28) Mais tarde, reconhece a própria autora: “Numa parte, recordo-me de haver escrito Passo Pucu em lugar de San Fernando, não tenho tempo de revisar.” (Lasserre, 2023, p. 73)

Sob o prisma da derrota (o fracasso do Exército brasileiro pelo Norte)

No início da guerra, logo após a invasão do Mato Grosso, duas estratégias militares foram consideradas pelo Estado-maior para o avanço das tropas aliadas: a primeira, proposta por Caxias, previa um movimento do Exército ao Norte, como forma de distração para uma invasão ao Sul, com o apoio da Marinha, num movimento de “pinça”; a segunda, proposta por Tamandaré, preconizava uma força única e massiva, a invadir o Paraguai pelo Norte. Dentre as duas propostas, o senador Pimenta Bueno, ex-presidente da província do Mato Grosso, destacou que, pelas condições do terreno, seria difícil o apoio logístico pelo Norte, enfatizando a obrigatoriedade das vias fluviais para o transporte das tropas. Beaurepaire Rohan, à época ministro da guerra, decidiu-se pela estratégia de Caxias, dividindo as tropas entre Norte e Sul (Esselin, 2017, p. 50-52).

O desastre dessa decisão levou a um dos mais vergonhosos episódios da história militar brasileira, narrado em *La retraite de Laguna*, de Alfredo Taunay.¹⁶ À época tenente e membro da comissão de engenheiros, o autor relata episódios dolorosos, como a perda de metade do efetivo em uma marcha de 2.200 km. concluída após dois longos anos, sob o efeito devastador de epidemias, e praticamente sem suprimentos. O completo despreparo logístico viria a impactar, direta ou indiretamente, “para cima de três mil e quinhentos brasileiros, gente insuficientíssima para qualquer operação de guerra proveitosa em tão distantes e abandonadas paragens, mas exageradamente numerosa em vista dos meios de subsistência que elas lhe poderiam fornecer.” (Taunay, 2004, p. 197)

No entanto, a impossibilidade de resgatar fielmente aquilo que se passou, sob a perseguição de tropas paraguaias e a influência terrível de intempéries e doenças, é vista *incontinenti* como algo positivo no prólogo da obra, confessando-se aí não almejar “outro mérito além do que contém os fatos narrados: tiramo-los do nosso diário de campanha. Deparar-lhe-ão muita incorreção, demasias, repetições: supomos poder deixá-las onde estão;

¹⁶ Valiosos suportes interpretativos à leitura de *La retraite de Laguna* estão em outras obras de Taunay, como as *Memórias*, amplo panorama de sua vida, publicado a pedido do autor apenas na década de 1940; as *Narrativas militares*, editadas uma única vez em 1878 sob pseudônimo (Sílvio Dinarte), com episódios vividos na campanha, porém da ordem do cotidiano e da *causerie*; e o *Diário do Exército*, secamente objetivo, a registrar com datas e horas seu percurso ao lado do Conde d’Eu, entre 1869 e 1870.

são sinais da presença da verdade.” (Taunay, 2011, p. 34) Neste sentido, sua “verdade” memorialística corresponderia à validação, no plano *formal*, do *conteúdo* dos acidentes vividos na campanha do Norte. Trata-se de uma clara opção pela *fidelidade* (humana, existencial) do relato, em detrimento de sua *exatidão* (informativa, documental) (Lejeune, 1975).

Ao optar pela tarefa de narrar “fielmente” o passado, Taunay busca saldar uma dívida de honra para com três figuras centrais em sua vida: seu imperador, D. Pedro II; seu comandante, Cel. Carlos Camisão; e seu pai, Félix Taunay. Ao primeiro, amigo íntimo, que o acompanhou por toda a vida (e esteve ao seu lado mesmo no dia da partida ao exílio), dedicou *La retraite de Laguna*, na qualidade de “servidor e vassalo muito humilde e obediente” (Taunay, 2011, p. 31);¹⁷ ao segundo, que, nas margens do rio Apa, “pareceu empenhar-se em que lho promettessem” a escrita da “história da expedição”, “em nome de todos comprometeu-se a isso, e hoje cumpre com exaço religiosa” (Taunay, 2011, p. 63); ao terceiro, responsável por sua educação esmerada, confessa ter “escrito toda *A retirada de Laguna*, e isto devi exclusivamente à insistência de meu bom e extremoso pai.” (Taunay, 2004, p. 302-303)

Sob o signo, portanto, de uma tripla dívida (antes que de uma tripla catarse, como em Duprat), a narrativa de Taunay reveste-se de um tom de deferência e decoro que, por vezes, faz mitigar certos pormenores, como ao omitir os efeitos avassaladores da epidemia de cólera sobre a coluna.¹⁸ Há, assim, como que um filtro narrativo, perceptível sobretudo quando se alterna o uso da primeira e da terceira pessoa,¹⁹ conforme o acerto da participação do autor nas decisões tomadas, tendo como baliza sua condição de oficial.

Ao tomar, por exemplo, a resolução de seguir com o guia José Lopes para a estância do Jardim, quando da invasão do Norte paraguaio – opção de marcha que, além de mais curta,

¹⁷ O relato de sua amizade com D. Pedro II, que acompanhou seu percurso acadêmico desde os tempos de colegial, tendo sido o primeiro leitor de várias de suas obras, pode ser visto detalhadamente em *Memórias*.

¹⁸ Como se sabe, tal doença pode fazer o doente perder até dez litros de líquido em um só dia, levando-o à morte, por meio de vômitos e evacuações ininterruptas. Taunay viu diversos amigos assim falecerem – quando não afogados em meio às chuvas torrenciais e à lama, sem forças para seguirem a marcha.

¹⁹ É lícito destacar o parecer de Maria Cunha e Vitor Corrêa (2004), que elencam exemplos dos limites narrativos de Taunay, ora a se incluir nominalmente em sua narrativa, a propósito de feitos mais ou menos dignos de nota, ora a se desculpar e se eximir de fatos delicados.

teria poupado muitas vítimas de cólera, se acatada, pela farta provisão de laranjas no local –, diz: “Pessoalmente, fôramos outrora da minoria que opinava pelo itinerário proposto por Lopes, pela vantagem que nos oferecia de alcançarmos mais rapidamente o território paraguaio. O que fora então mais acertado para a ofensiva, era-o ainda para a retirada; não havia hesitar” (Taunay, 2011, p. 98).

Inversamente, ao narrar o abandono dos coléricos às tropas paraguaias, por impossibilidade de transportá-los – ordem que, secundada por Taunay, envergonha-o a ponto de reconhecer, numa quase contraprova de “polimodalidade” (Genette, 1983), a omissão coletiva do ocorrido –, aponta a responsabilidade exclusiva do comandante, Cel. Camisão:

Afinal, pelo meio da noite, convocou novamente os comandantes e os médicos. Acabava de tomar uma resolução suprema, que consigo mesmo debatera nos dias precedentes como recurso derradeiro, e cuja ideia acudira a todos os espíritos como ao seu, sem que todavia ninguém ousasse manifestá-la. Depois de expor em breves palavras a urgência em avançar, sem o que toda a gente morreria, a impossibilidade agora bem verificada e reconhecida por todos de levarmos mais longe os doentes, declarou aos comandantes que, sob sua própria responsabilidade e segundo o rigor do que considerava um dever, os coléricos, exceção feita dos convalescentes, iam ser abandonados naquele pouso! Nem uma só voz se ergueu contra esta resolução, cuja responsabilidade inteira ele assumia generosamente; longo silêncio acolheu a ordem e consagrou-a. [...] Ordem tremenda de dar e tremenda de executar, mas que, cumpre dizê-lo, não suscitou desacordo nem censura! (Taunay, 2011, p. 126-127)

Está claro, portanto, que tamanha responsabilidade tem um impacto considerável no sentido “retrospectivo” de sua narrativa. Maria Lídia Maretti (1996, p. 64), cogitando os “contrastes da vida da guerra”, opta por chamar Taunay de “viajante-soldado”, a registrar suas impressões de viagem *incontinenti*, muitas vezes via pseudônimo (e.g. “Silvio Dinarte”) – o que “leva à suposição de que precisava de uma liberdade para escrever (e publicar) com a qual não contava em vida”. Seu silêncio, em todo caso, mais que sua fala, dá a dimensão de seu heroísmo ao enfrentar o inimigo derradeiro – a significação da guerra e sua reverberação interior –, no “intervalo” entre a “exatidão” do relato e a “fidelidade” às decisões e aos sentimentos de outrora (Lejeune, 1975, p. 37).²⁰

²⁰ O entendimento e a aceitação das decisões passadas é proporcionada, em parte, pela própria natureza ulterior da narração memorialística. Outrora, sequer seria possível contemplar de frente os fatos, tamanha a violência por eles implicada: “Entregávamos ao inimigo mais de 130 coléricos sob a proteção de um mero apelo à sua generosidade nestas palavras traçadas em grandes letras sobre um cartaz pregado a um tronco: “Compaixão para os coléricos!” Pouco depois de partirmos e já fora do alcance da vista, o estrépito de uma nutrida descarga de

Sob o prisma da vitória (os avanços da Marinha brasileira pelo Sul)

No polo oposto da guerra, i.e., no palco Sul, Artur Silveira da Mota, barão de Jaceguai, ajudante de ordens do então comandante-em-chefe das forças navais, Marquês de Tamandaré, narrou episódios como o desembarque no Passo da Pátria, a passagem do rio Paraná, a derrota em Curupaiti e a vitória em Humaitá – eventos de que participou ao lado do Estado-maior dos países aliados. Tal condição é mencionada logo ao início de suas *Reminiscências*:

Devo declarar antes de tudo que, possuindo regular arquivo de documentos da guerra do Paraguai, as minhas – Reminiscências – são meras impressões que se gravaram na memória, e juízos, que, com o tempo, cristalizaram-se em meu espírito sobre vultos e acontecimentos que encheram aquele grau de cenário histórico e que pude observar de perto no íntimo contato que tive com homens e coisas, além da parte embora ínfima que me coube representar. (Jaceguai, 2011, p. 69)

Tendo em vista sua função de confiança ao lado de Tamandaré (e, mais tarde, de Caxias, para quem realizou importantes diligências junto ao imperador), e a série de documentos raros e confidenciais²¹ que embasam sua versão dos fatos, Jaceguai permite-se tecer “impressões e juízos”, ora elogiando ora criticando acerbamente as estratégias tomadas. Tamanha liberdade o motivou, porém, a jamais publicar sua obra, coligida postumamente pelo C. Alte. Raul Tavares²² a partir de originais compostos entre 1880 e 1890.²³

fuzilaria veio ferir-nos os corações; e que clamores indizíveis não ouvimos! Nem ousávamos olhar uns para os outros.” (Taunay, 2011, p. 128)

²¹ Os exemplos são muitos, e corroboram sua versão “autorizada” dos fatos: o protocolo de uma deliberação dos generais aliados, lavrada pelo ministro Otaviano; rascunhos e bilhetes manuscritos pelo Gen. Osório; relatórios fluviais sobre a guerra de Secessão nos EUA, enviados pelo Gen. Mitre ao Alte. Tamandaré. Trata-se de um acervo de que justamente se orgulha Jaceguai, como não deixa de ressaltar, a propósito dos relatórios de Mitre: “Eu me pus a lê-los e confesso que me despertaram tamanho interesse que de boa-fé, convencido de que o General Mitre os havia oferecido a Tamandaré guardei-os para mim, e ainda hoje esses dois volumes fazem parte de uma pequena livraria de que nunca me separei; meus companheiros, até em minha viagem ao redor do mundo, e ainda agora estão sobre a mesa em que escrevo estas linhas.” (Jaceguai, 2011, 158-159)

²² Jaceguai publicou em vida, para além de trabalhos técnicos e históricos, uma série de tomos autobiográficos, chamada *De aspirante a almirante*, publicada entre 1906 e 1917, e que serve de contraponto às *Reminiscências*, enquanto parâmetro diverso, quiçá mais moderado, de escrita.

²³ A data de composição do manuscrito é nebulosa. Comenta Raul Tavares (2011, p. 37): “Quanto às – *Reminiscências* – propriamente ditas, reafirmo o respeito que tive pelo estilo do autor, apesar das dificuldades em recompô-las, resultantes da obra destruidora do tempo, pois é positivo que o Almirante Jaceguai as escrevera bem antes da proclamação da República, talvez no período da sua primeira reforma voluntária, ampliando-as até depois da proclamação da República.” Na obra, há, de fato, menções à “recente campanha de Canudos” (Jaceguai, 2011, p. 194), que parecem corroborar tal parecer, situando seus últimos ajustes por volta do fim do século XIX.

Sem as mesmas reservas de Taunay, para quem figuras como Camisão e José Lopes são vistas sob um prisma indulgente (mesmo quando examinadas à luz de hesitações ou decisões praticamente indesculpáveis), nas memórias de Jaceguai o (anti)herói é seu comandante. Trata-se de um protagonismo de segunda mão, que ele próprio reconhece,²⁴ sequioso de ocupar o primeiro plano:

Nós mesmos do Estado-Maior do Almirante éramos os que mais ansiávamos pelo dia da sua partida para o Paraguai. Mas em nós o que predominava era o egoísmo da Mocidade, a ambição de glórias, e o afã de recebermos o batismo de fogo. [...] Inexperiência da mocidade! Como se nos combates a glória se repartisse na proporção de nossas aspirações, do nosso valor e dos nossos esforços! (Jaceguai, 2011, p. 91)

São muitas suas considerações sobre os pontos falhos das forças aliadas, sobretudo no fracasso de Curupaiti, a que dedica um capítulo severo. Sua visão de conjunto sobre a guerra incide em pontos nevrálgicos, como o desconhecimento do terreno e a falta de articulação das forças: “nem sempre os generais aliados utilizaram ou souberam utilizar a ação conjunta das duas forças, isto é, esquadra e exército. Outras vezes viu-se exército e esquadra exigirem um do outro mais do que cada um poderia praticar razoavelmente” (Jaceguai, 2011, p. 95). Ademais, reforça deficiências sanitárias e hospitalares, lembrando o papel terrível do cólera-morbo no enfraquecimento das colunas: “Era o trágico dilema que se reproduziu na retirada da Laguna, tocantemente narrado no livro imortal do nosso Taunay.” (Jaceguai, 2011, p. 199)

Cioso do teor “retrospectivo” de seu relato, certamente o de maior “exatidão” (Lejeune, 1975) e rigor informativo dentre os três analisados, Jaceguai deixa à posteridade os juízos sobre a validade (“fidelidade”) ou não de suas memórias, “permitindo ao leitor aplicá-los ao seu próprio critério para completar as deficiências do meu pincel e da minha palheta.” (Jaceguai, 2011, p. 76) E, mais à frente, arremata: “Em matéria de História desconfio até do meu próprio testemunho”. (Jaceguai, 2011, p. 213)

²⁴ “[...] entre os três velhos generais, não parece que se está entre homens de Plutarco? Ah! Como me conforta nas agruras do presente a recordação da benevolência e confiança com que era em minha mocidade admitido no convívio daqueles grandes brasileiros!” (Jaceguai, 2011, p. 80)

Estas palavras ecoam algo do teor “envenenado” da parte final de suas “reminiscências” – ou, mais especificamente, do grande rancor “pelo então chefe de esquadra J.J. Inácio, ministro da Marinha do gabinete presidido por Caxias” (Jaceguai, 2011, p. 187). Ao assumir a pasta, Inácio, infenso ao brilho militar de Jaceguai em Humaitá, indica-lhe não o comando do encouraçado Barroso (previamente prometido por Tamandaré), mas o de um navio menor, o Ivaí, por uma razão pífia:

Todo o meu pecado consistia em ter frequentado a roda do – *Correio Mercantil* –, o principal órgão do Partido Liberal, ao tempo em que nesse jornal Tavares Bastos analisara a administração de J.J. Inácio na pasta da Marinha, e em ter sido surpreendido por um dos seus filhos em conversa na rua em que manifestava a minha satisfação pela queda do Ministério de que ele fazia parte, ocorrida naquele dia. (Jaceguai, 2011, p. 187)

Há, pois, no relato de Jaceguai uma dimensão claramente “prospectiva”, que faz pensar, na contramão dos documentos valiosos em que se pauta, bem como de sua participação direta em combate, naquela mesma “exatidão”, comentada há pouco: “Todas as vezes que escrevo sobre este assunto, me é impossível evitar que caiam sobre o papel algumas gotas de sangue dessa ferida que há de ficar aberta enquanto viver.” (Jaceguai, 2011, p. 189)

Coda (“*commencer pour finir*” x “*finir pour commencer*”)

Evocando a frase fatídica de Solano López,²⁵ nas três obras, o peso da violência e do trauma, individual e coletivo, sobre a narração faz com que haja um reencontro do memorialista com o que sobrou de si, a ponto de reorganizar o passado perante o sentido atual da escrita, entendida em termos de rearranjo existencial no pós-guerra. A clara dimensão “retrospectiva” dos textos, sobretudo em Duprat e Taunay, parece evocar algo de “presentificativo”, pela própria natureza do conteúdo em pauta, o que faz pensar em um sentido catártico da rememoração: *commencer, pour finir*.

Num segundo entendimento da mesma (e fatídica) expressão, seria preciso *finir pour commencer*: i.e., destruir a precisão linear do que se foi, em prol de uma versão “prospectiva”,

²⁵ Cf. nota 8.

concertada, capaz de conseguir alguma coesão (e decorrente aval) no espírito do leitor – o que corresponderia a um arranjo, antes que a um rearranjo, dos fatos, na linha acusatória de Jaceguai (2011, p. 213), a desconfiar até “do próprio testemunho”.

Se é verdade que este foi o propósito do ditador paraguaio nos últimos tempos de seu governo, parecem ser diversos os três casos em pauta, marcados por uma guerra que não começaram, sob o desafio maior da escrita (auto)biográfica: não só “combater as injustiças perpetradas pelo tempo, mas também distanciar-se das lendas douradas a fim de impor um ponto de vista mais imparcial” (Dosse, 2009, p. 112).

Se o conseguiram, de fato, vencendo o impasse entre a “exatidão” e a fidelidade” ao passado (Lejeune, 1975), seja pela fala seja pelo silêncio, parece ser “coisa fora do tempo” (Silveira, 2005, p. 125).²⁶ A paz sempre é tardia, e – como mostra seu legado nas letras e nas armas – também custa um pouco mais do que a própria vida.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. Tradução: Selvino Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

BAL, Mieke. *Narratology: introduction to the theory of narrative*. Tradução: Christine Van Boheemen. 2 ed. Toronto: UTP, 1997.

CARVALHO, José Murilo de. *Jovita Alves Feitosa: voluntária da pátria, voluntária da morte*. São Paulo: Chão, 2019.

CUNHA, Maria Jandyra; CORRÊA, Vítor de Abreu. O lugar de fala de Taunay: um estudo sobre o enquadramento da narrativa na Guerra do Paraguai. Disponível em: <http://unb.revistaintercambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/1250/2052.pdf> Acesso em: 4 mar. 2024.

²⁶ Frase célebre de Joel Silveira sobre a experiência temporal da guerra, a partir de suas andanças com a FEB na Itália, décadas mais tarde. Vale citar o trecho, na íntegra, de seu *O inverno da guerra*: “As horas passam, amanhã será outro dia. Mas que dia? Na verdade, não existe calendário na frente avançada de uma guerra. E quando o capitão me pergunta se hoje é terça ou quarta-feira, eu não sei responder. Sei apenas que estamos avançando, que agora pisamos chão que ontem não era nosso; e que amanhã certamente estaremos alguns quilômetros ou até mesmo apenas alguns metros mais à frente. O que ficou para trás já não existe. É coisa fora do tempo.” O avanço no espaço corresponde a uma suspensão temporal própria da reverberação interior comentada a propósito de Taunay.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DORATIOTO, Francisco. Posfácio. In: LASSERRE, Dorothée Duprat de. *Memórias: relato de uma prisioneira na Guerra do Paraguai (1870)*. Tradução: Fábio Weintraub. São Paulo: Chão, 2023. p 75-150.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Tradução: Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo : EDUSP, 2009.

DULONG, Renaud. *Le témoin oculaire: les conditions sociales de l'attestation personnelle*. Paris: Éditions de l'EHESS, 1998.

DUMAS, Alexandre. *Vinte anos depois*. Tradução: Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

ESSELIN, Paulo Marcos; FERNANDES, Luiz Henrique Ferreira. Os cento e cinquenta anos da Retirada da Laguna: logística, geografia e combate. *Revista do Exército Brasileiro*, v. 153, n. 3, 2017, p. 50-66.

FREITAS, Maria Teresa de. As técnicas de autenticação do discurso. In: _____. *Literatura e História*. São Paulo: Atual, 1986. p.14-21.

GENETTE, Gérard. *Figures III*. Paris: Seuil, 1972.

GENETTE, Gérard. *Nouveau discours du récit*. Paris: Seuil, 1983.

GENETTE, Gérard. Por um novo discurso da narrativa (excertos). Tradução: Franco Baptista Sandanello. In: RIBEIRO, Mariana Aparecida; ALMEIDA, Lucélia de Sousa. *Linguagem, discurso, cultura*. São Carlos: Pedro e João, 2020. p. 27-50.

HAMBURGER, Kate. *A lógica da criação literária*. 2 ed. Tradução: Margot Malnic. São Paulo: Perspectiva, 1986.

JACEGUAI, Artur. *Reminiscências da Guerra do Paraguai*. Brasília: Senado Federal, 2011.

LASSERRE, Dorothée Duprat de. *Memórias: relato de uma prisioneira na Guerra do Paraguai (1870)*. Tradução: Fábio Weintraub. São Paulo: Chão, 2023.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Éditions du Seuil, 1975.

LEJEUNE, Philippe. *Moi aussi*. Paris: Édition du Seuil, 1986.

MARETTI, Maria Lídia. *Um polígrafo contumaz: Visconde de Taunay e os fios da memória*. 1996. 291f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

MOTTA, Arthur Silveira da. *De aspirante a almirante: minha fé de ofício documentada, 1870-1900*. 2 ed. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1985. 2v.

PEREC, Georges. *L.G., une aventure des années soixante*. Paris: Seuil, 1992.

PIMENTEL, Joaquim S. de Azevedo. *Episódios militares*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1978.

SANDANELLO, Franco Baptista. *O escorpião e o jaguar: o memorialismo prospectivo d'O Ateneu*, de Raul Pompeia. São Paulo: UNESP; Cultura Acadêmica, 2014.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

SILVA, José Luís Rodrigues da. *Recordações da campanha do Paraguai*. Brasília: Senado Federal, 2007.

SILVEIRA, Joel. *O inverno da guerra*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *A retirada da Laguna*. Tradução: Ramiz Galvão. Brasília: Senado Federal, 2011.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *Diário do exército: campanha do Paraguai 1869-1870*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *La retraite de Laguna: épisode de la guerre du Paraguay*. 4 ed. Tours: Arrault, 1913.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *Memórias*. São Paulo: Iluminuras, 2004.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *Narrativas militares: cenas e tipos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1878.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *Recordações de guerra e de viagem*. Brasília: Senado Federal, 2008.

“IL FAUT FINIR POUR COMMENCER”: LA GUERRE DU PARAGUAY EN TROIS TEMPS

RÉSUMÉ: Transposer le passé dans un texte de fiction n’est pas une tâche facile: il existe un écart naturel entre vivre et raconter. Les mots regardent invariablement en arrière, étrangers et postérieurs aux faits qu’ils rapportent. Tout récit de souvenirs est, en ce sens, une (dés)accord avec soi-même. Lorsqu’il s’agit de souvenirs de guerre, le poids de la violence et des traumatismes pèse toujours sur les narrateurs. Cet article propose d’étudier la portée narrative de trois textes écrits par des survivants de la guerre du Paraguay: un prisonnier politique, soumis aux travaux forcés dans un camp de concentration paraguayen (Duprat, *Memórias*); un officier de l’armée, témoin de l’échec de la campagne du Nord (Taunay, *La retraite de la Laguna*); et un officier de la Marine, participant aux succès de la campagne du Sud (Jaceguai, *Reminiscências da Guerra do Paraguai*). À travers des critères de «exactitude» et de «fidélité» autobiographiques (Lejeune, 1975), évalués à la lumière de concepts tels que la «focalisation» narrative (Genette, 1972 ; Bal, 1997) et le «témoignage» (Agamben, 2008 ; Dulong, 1998, Seligmann-Silva, 2008), il s’agit d’évaluer la dimension «rétrospective», «présente» ou «prospective» des souvenirs (Sandanello, 2014), selon le sens qui, dans chaque œuvre, répercutent les effets de la guerre.

MOTS-CLÉS: Mémoires, Guerre du Paraguay, Duprat, Taunay, Jaceguai.